

# AS HISTÓRIAS DE UM LIVRO CATEDRAL: RELAÇÕES ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO NA INTERPRETAÇÃO DO *DRAGMATICON* DO MESTRE GUILHERME DE CONCHES (1080-1154)

*THE STORIES OF A CATHEDRAL BOOK: RELATIONS  
BETWEEN PAST, PRESENT AND FUTURE IN THE  
INTERPRETATION OF DRAGMATICON OF THE  
MASTER WILLIAN OF CONCHES (1080-1154)*

**Carlile Lanzieri Júnior<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

"[...] se agrada aos bárbaros viver sem pensar no dia de amanhã, os nossos intentos devem encarar a eternidade dos séculos" (Cícero, *De oratore*)

**Resumo:** Escrito entre os anos de 1144 e 1149, o *Dragmaticon* divide-se em seis livros que trazem muitas das concepções pedagógicas de Guilherme de Conches (1090-1154). Concepções assinaladas por uma percepção profunda do tempo, o que nos sugere a intensa relação que Guilherme estabeleceu entre experiências passadas e expectativas futuras diante de um presente que considerava decadente e que teria pouco a ensinar aos que a ele se inclinavam. Ombro a ombro com personagens como João de Salisbury (c.1120-1180), Bernardo de Chartres (+1160) e Gilberto de La Porrée (1076-1154), Guilherme de Conches atuou na consolidação do que foi denominado pela

**Abstract:** Written between the years 1144 and 1149, the *Dragmaticon* is divided into six books that bring many of the pedagogical conceptions of Willian of Conches (1090-1154). Conceptions marked by a deep perception of the time, what suggests us the intense relationship that Willian established between past experiences and future expectations before a present that he considered decadent and which would have little to teach to those bowed to it. Shoulder to shoulder with characters as John of Salisbury (ca.1120-1180), Bernard of Chartres (+1160) and Gilbert de La Porrée (1076-1154), Willian of Conches acted to the consolidation of what was named by posterity as the *School of the*

<sup>1</sup> Professor Adjunto C Nível I do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso e membro do *Vivarium* - Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo (*site*: <vivariumhist.com>). E-mail para contato: <lanzierijunior@uol.com.br>. Todas as traduções para o Português de obras publicadas originalmente em língua estrangeira são de minha autoria e inteira responsabilidade.

posteridade como a *Escola da Catedral de Chartres*, uma das importantes expressões da cultura intelectual do século XII.

*Cathedral of Chartres*, one of the most important expressions of the intellectual culture from the twelfth century.

**Palavras-chave:** Guilherme de Conches - leitura – tempo.

**Keywords:** Willian of Conches - reading – time.



Imponente sob o capuz a lhe cobrir parte do corpo, o mestre tonsurado ergue uma vergasta com a mão direita. Firme, ele aponta com o dedo indicador da mão esquerda o livro aberto sobre o colo de um de seus discípulos. Com as faces a sugerir contrição sob as tonsuras, os demais discípulos presentes na cena parecem se esconder atrás do primeiro. Um deles também traz um livro aberto entre as mãos. Possivelmente, estamos diante de uma representação de uma aula de Gramática, a primeira das Sete Artes Liberais. Artes estas que buscaram na leitura o fundamento para o saber e uma vida prudente [Fragmento de *Imagem do mundo* de Gossouin de Metz. Paris, BnF, ms fr 574 folio 27 (século XIV)]

Em matéria publicada no dia 17 de janeiro de 2017 na versão *on line* para o Brasil do jornal espanhol *El país*,<sup>2</sup> Ignacio Morgado Bernal (1951- ), Professor PhD em Psicologia da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB),<sup>3</sup> destacou a importância do hábito da leitura para uma vida saudável.<sup>4</sup> Através da leitura, habilidades mentais como percepção, memória e raciocínio são exercitadas dia a dia. Instigante, o artigo do professor espanhol também afirma que a leitura é uma maneira interessante de acessar diferentes pontos de vista. No núcleo deste processo, Bernal manifestou a certeza de que ler regularmente, além de ativar a nossa capacidade cognitiva, nos torna verdadeiramente humanos. Humanos que ampliam a própria percepção do tempo, que se desconectam da brevidade do presente no qual vivem e mergulham nas profundezas de outras experiências humanas que se dilatam *ad infinitum*.<sup>5</sup>

À mesma época, uma reportagem com teor semelhante ganhou enorme visibilidade nas redes sociais. Baseada nos depoimentos de uma estudante brasileira formada em Ciências Políticas e Astronomia pela renomada Universidade de Harvard,<sup>6</sup> nos Estados Unidos, a reportagem tomava a valorização da leitura como argumento central. Dos objetivos bem definidos ao trabalho metódico imposto pela cultura acadêmica de Harvard, a jovem foi cirúrgica ao afirmar que em algumas das disciplinas cursadas os alunos tinham uma carga de leitura superior a mil páginas semanais (!).<sup>7</sup> Para um país tão desigual como o Brasil e que de um modo geral

---

<sup>2</sup> Endereço eletrônico <<http://brasil.elpais.com/>>.

<sup>3</sup> Endereço eletrônico <<http://www.uab.cat/>>.

<sup>4</sup> Disponível no *site* <[http://elpais.com/elpais/2017/01/11/ciencia/1484155657\\_662258.html](http://elpais.com/elpais/2017/01/11/ciencia/1484155657_662258.html)>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

<sup>5</sup> Em *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você* (2011), Eli Pariser (1980- ), presidente do conselho diretor e ex-diretor executivo do portal MoveOn.org e fundador do Avaaz.org, alerta para um perigo silencioso que se esconde por trás da navegação na *Internet*: a partir de cliques aparentemente inocentes na rede mundial de computadores, grandes corporações são capazes de saber exatamente quem somos, o que pensamos e com quem nos relacionamos. A partir dessas informações básicas, nossas escolhas são cada vez mais direcionadas até que não mais tenhamos a opção de escolher algo diferente. Isso se traduz em relações sociais cada vez mais tensas e em nossa incapacidade de dialogar e aprender com quem é diferente de nós.

<sup>6</sup> Endereço eletrônico <<http://www.harvard.edu/>>.

<sup>7</sup> Disponível no *site* <<https://www.estudarfora.org.br/harvard-exige-mais-de-mil-paginas-de-leitura-por-semana-tabata-amaral/>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

pouco valoriza os livros e a leitura, histórias como estas indicam o quanto precisamos percorrer para ocupar uma posição de protagonismo no mundo das ciências.<sup>8</sup>

A preocupação com a boa formação dos indivíduos e o fazer pensar através da prática da leitura são os pontos que conectam os dois textos acessados por alguns milhões de internautas no início deste ano. Sem dedicação e esforço, não há pílula ou fórmula milagrosa que dê jeito.<sup>9</sup> Sem entrega à leitura, não há como avançar nas pesquisas, não há como ter *insights* mirabolantes capazes de mudar a maneira pela qual compreendemos e atuamos no mundo que nos cerca. A leitura é o combustível a alimentar o maquinário cognitivo, sobretudo no que se refere ao pensar melhor, ao colocar-se no lugar do outro. Pelo poder da leitura, criatividade, tolerância e democracia se aproximam (cf. NUSSBAUM, 2015). Todos ganham com isso. A longo prazo, algumas centenas (ou milhares) de páginas de leituras semanais converter-se-ão em um prazer incomensurável. Enfim, uma verdadeira revolução interior a mudar o exterior.

Todavia, chama a atenção o fato de que nenhuma das reportagens fazer a menor referência a antigas tradições do passado, tradições que de igual forma destacavam a importância da leitura e dos debates que estas suscitavam. Nos dois textos, a valorização da leitura e os ganhos por ela proporcionados são uma evidência em si, não o providencial resgate, ainda que parcial, de ensinamentos e experiências de outrora que tanto têm a nos dizer. Portanto, o que à primeira vista indica uma transformação sem precedentes deve ser igualmente entendido como uma necessária recuperação de importantes tradições pedagógicas. Quando convertidas em conhecimento histórico, essas tradições trazem a lume a certeza de

---

<sup>8</sup> Os dados referentes ao ano de 2015 da quarta edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Ibope) revelam que quase metade de nossa população não lê com frequência e que quase um terço dela nunca comprou um único livro (cf. <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>>).

<sup>9</sup> Em 05 de junho de 2016, uma reportagem exibida pelo *Fantástico* da Rede Globo de Televisão trouxe a público a existência de pílulas e combinações de suplementos que prometem o aumento progressivo da capacidade de concentração e a inteligência das pessoas. Alguns dos vendedores e usuários de tais produtos afirmaram se sentir de fato mais inteligentes, o que foi contestado pelos especialistas consultados que apontaram os riscos para a saúde inerentes a tal uso. Os especialistas também afirmaram que os testes aplicados nos adeptos de tais tratamentos não indicaram qualquer expansão da inteligência (disponível no *site* <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/06/saiba-se-pilulas-que-prometem-deixar-pessoas-mais-inteligentes-funcionam.html>>).

que a era de progresso tecnológico na qual vivemos deve muito a mestres de épocas e lugares longínquos. Mestres que lapidaram conhecimentos acumulados ao longo de vários séculos, mas que quase sempre são esquecidos pelos educacionistas da atualidade.<sup>10</sup> Por isso, o passado sempre tem algo a nos dizer e ensinar. Passado a ser acessado através da leitura. Leitura que detém o condão de nos fazer pensar mais e melhor e vencer a barbárie interior e seus efeitos (MATTÉI, 2002, p. 13-14). Sem o conhecimento proporcionado pelo passado, o presente torna-se efêmero e não haverá um futuro com o qual possamos verdadeiramente sonhar.

\*

Famoso pelas fábulas infanto-juvenis mundialmente conhecidas como *As crônicas de Nárnia*, C. S. Lewis (1898-1963) também era um medievalista. Dono de uma escrita requintada e envolvente, Lewis atuou como professor de Literatura Medieval na Universidade de Cambridge, na Inglaterra.<sup>11</sup> Em *A imagem descartada* (2015), um de seus últimos escritos, Lewis comparou os livros medievais às antigas catedrais góticas.<sup>12</sup> Imponentes, estas exigiram várias décadas de construção. Diferentes mãos e conhecimentos eram absorvidos nos canteiros de obras que chegavam a atravessar gerações. Sob a unidade de uma fachada imponente com os vitrais a reluzir ao toque dos raios de sol, distintos saberes calmamente aglutinados. Por sua vez, os livros eram o resultado da soma de vários conhecimentos, alguns remontavam à Antiguidade clássica. Como as catedrais, C. S. Lewis acreditava que os

---

<sup>10</sup> Ao considerar desnecessário o estudo da Idade Média, "gozo hedonista dos medievalistas", o atual ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação Produtiva da Argentina, Lino Barañao (1953- ), exemplifica a visão estreita de mundo que graça entre os educacionistas que caminham livres, leves e soltos na atualidade e ocupam postos de poder estratégicos. Ao se aterem aos números e metas muito bem dispostos em planilhas e performáticas apresentações de *Power Point*, os educacionistas são incapazes de compreender que estudar História (e as ciências Humanas como um todo) é um encontro com os homens no tempo, um encontro que nos permite a compreensão do quanto somos diversos e do quão é importante o incentivo do contato com essa diversidade. Melhor ainda se isso acontecer desde a infância (cf. <<https://www.pagina12.com.ar/22812-el-ministro-baranao-y-la-historia-medieval>>).

<sup>11</sup> Endereço eletrônico <[www.cam.ac.uk](http://www.cam.ac.uk)>.

<sup>12</sup> "Segue-se que a unidade livro-autor, que é básica para a crítica literária moderna, deva ser muitas vezes abandonada quando se trata da literatura medieval. Alguns livros [...] devem ser referidos antes como nos referimos àquelas catedrais, em que o trabalho de muitas épocas diferentes está misturado, produzindo um efeito total, de fato, admirável, mas nunca previsto ou pretendido por qualquer um de seus construtores sucessivos" (LEWIS, 2015, p. 200).

livros da Idade Média possuíam bases profundas e os saberes que traziam apontavam para o alto, para o mundo das ideias.<sup>13</sup>

Mais recentemente, a professora Aleida Assmann (1947- ) da Universidade de Konstanz, Alemanha,<sup>14</sup> propôs análises que guardam algumas semelhanças com o que C. S. Lewis há tempos escreveu. Ao dissertar acerca da função da memória entre os mestres medievais, Assmann enfatizou as comparações que estes faziam entre o interior de um ser humano e uma edificação.<sup>15</sup> Bem dividida, essa edificação permitiria fácil ingresso a quem por ela adentrasse a percorrer suas dependências. Por sua vez, Assmann inspirou-se em Mary Carruthers (1941- ), professora da Universidade de Nova York, Estados Unidos,<sup>16</sup> cujos motes de pesquisa são justamente o sentido da memória e as técnicas de memorização utilizadas pelos mestres antigos e medievais, como João Cassiano (360-435), Bernardo de Claraval (1090-1153), Hugo de São Vítor (1096-1141) e Tomás de Aquino (1225-1274). Para Carruthers, ao dividir os conteúdos a serem trabalhados como as partes de uma construção (ou de uma máquina), a mnemotécnica medieval permitiu que assuntos de naturezas diversas fossem melhor acessados e absorvidos pelos discentes. O resultado então esperado: a manifestação racional e criativa de toda essa massa de informações nos escritos e sermões por eles produzidos.<sup>17</sup>

Com base nos referenciais deixados por C. S. Lewis, Aleida Assmann e Mary Carruthers, tomaremos para análise partes do *Dragmaticon* de Guilherme de Conches. A atenção que Guilherme deu ao saber antigo e a intenção transformadora

---

<sup>13</sup> No século XIX, os medievalistas buscavam o autor e desprezavam os textos nos quais não era possível identificá-lo, menos ainda o seu local de nascimento. Em nome da precisão filológica e da certeza de uma origem territorial bem delimitada, uma miríade de conhecimentos híbridos foi negligenciada em benefício de narrativas de cunho nitidamente nacionalista (UTZ, 2016, p. 124).

<sup>14</sup> Endereço eletrônico <[www.uni-konstanz.de](http://www.uni-konstanz.de)>.

<sup>15</sup> "O cerne da *ars memorativa* consiste de *imagines*, a codificação de conteúdos da memória em fórmulas imagéticas impactantes, e *loci*, a atribuição dessas imagens a locais específicos de um espaço estruturado. a partir dessa qualidade topológica se está a apenas um passo de considerar complexos arquitetônicos como corporificações da memória. É o passo que vai de considerar espaços como *meios* mnemônicos a considerar prédios como *símbolos* da memória" (ASSMANN, 2011, p. 170).

<sup>16</sup> Endereço eletrônico <[www.nyu.edu](http://www.nyu.edu)>.

<sup>17</sup> "[...] conceber a memória não apenas como 'repetição', a habilidade de produzir algo (seja um texto, uma fórmula, uma lista de itens, um incidente), mas como a matriz de uma cogitação reminescente, que mistura e confronta 'coisas' armazenadas em um esquema ou conjunto de esquemas de memória de acesso aleatório – uma *arquitetura* da memória e uma biblioteca construídas ao longo de toda a vida, com a expressa intenção de serem usadas inventivamente" (CARRUTHERS, 2011, p. 27).

encontrada nas linhas e entrelinhas de seu livro indicam que a fundação e a edificação do texto em si formavam um todo inseparável. Um todo que exigia tempo para ganhar forma. Um tempo que superava a simples existência de um único indivíduo.<sup>18</sup> Um tempo profundo a guardar saberes e experiências múltiplas. Como veremos mais adiante, um tempo feito de gente a oferecer experiências e saberes, escritos ou não.

\*

Ao lado de personagens como Gilberto de La Porrée (1070-1154), Bernardo de Chartres e João de Salisbury, Guilherme de Conches teve seu nome listado entre os grandes mestres que formaram a tradição pedagógica que tornou célebre a *escola* da Catedral de Chartres.<sup>19</sup> Além de Chartres, Guilherme frequentou outros ambientes, conheceu outras pessoas. A partir de 1133, ou um pouco depois disso, passou a fazer parte da corte de Godofredo V (1113-1151), conde de Anjou e duque da Normandia, na condição de tutor de seu filho, Henrique Plantageneta (1133-1189), nobre a quem Guilherme dedicou seu *Dragmaticon*, um minucioso tratado de Filosofia Natural.<sup>20</sup>

Em parte escrito na forma de diálogo com o duque da Normandia, o *Dragmaticon* chamou nossa atenção pela preocupação evidenciada por seu autor ao escrever a respeito da formação dos mais jovens na abertura de cada um dos seis livros que compõem a obra. Em seu conjunto, as palavras deixadas por Guilherme oferecem olhares diversos sobre o passado, o presente e o futuro. Passado evidenciado nas tradições filosóficas as quais ele pertencia e com as quais dialogava;

---

<sup>18</sup> Para o professor colombiano Renán Silva Olarte (1951- ) da Universidade dos Andes, uma das atitudes mais egoístas que um pesquisador pode ter é de relacionar e/ou reduzir o conhecimento histórico à própria existência: “[...] o anacronismo e o etnocentrismo são dois dos grandes obstáculos de análise da sociedade. O primeiro se apresenta como específico do trabalho dos historiadores. O segundo se associa mais com o trabalho dos antropólogos. Na realidade, cada um desses dois obstáculos remete a um núcleo comum [...]: a generalização da experiência própria como universal” (SILVA, 2015, p. 61)

<sup>19</sup> Importante centro de transmissão e produção de conhecimentos ao longo de boa parte do século XII, a Catedral de Chartres traz ainda hoje em sua imponente fachada os vestígios de uma época que testemunhou o crescimento do interesse pelo estudo das Artes Liberais. Em parte, associado ao crescimento econômico e urbano, esse interesse trouxe à tona novas formas de se ensinar e aprender que se manifestaram nos escritos dos mestres de então, assim como nas artes e na arquitetura de maneira específica (CLEAVER, 2016, p. 2-3 e 24-27).

<sup>20</sup> Também conhecida como Filosofia da Natureza, a Filosofia Natural é um antigo ramo da Filosofia voltado para o estudo da formação do mundo material. Das estrelas do firmamento aos elementos que compõem o planeta Terra, tudo é de seu interesse, sobretudo quando aqueles se relacionam com a vida humana.

futuro destacado pelo desejo de construir uma sociedade pautada em valores éticos cristãos. Por sua vez, o diminuto presente era o lugar das efemeridades que aos poucos desbotariam sob a força do esquecimento.<sup>21</sup> Por ser imediato, o presente sozinho não era capaz de ensinar algo relevante, pois não permitia o devido amadurecimento das ideias. Nas páginas finais do *Dragmaticon*, é nítida a incredulidade de Guilherme face à estultice dos estudantes afoitos incapazes de compreender a grandeza do tempo. Assim, sob a ótica de Guilherme, estaria na formação contínua dos mais jovens a chave que abriria as portas do que ele compreendia como um mundo melhor.<sup>22</sup> E nas palavras do próprio Guilherme, existia um momento certo para esta formação começar, a saber:

A adolescência é a idade certa para começar com a aprendizagem, pois, como Platão disse, aquela idade de vida de uma pessoa é similar à cera que, se for muito suave, não recebe nem retém a forma; similarmente, se é muito dura. Portanto, a idade certa para aprender não é muito dura nem muito suave. O fim da aprendizagem é a morte (GUILHERME DE CONCHES, **Dragmaticon**, Livro VI, p. 174)

Com uma explícita conexão com o diálogo *Teeteto* de Platão (428-348/347 a.C),<sup>23</sup> o extrato acima traz a atenção dada por Guilherme de Conches à idade correta para se começar os estudos: nem muito cedo, nem muito tarde. Atento ao que podemos chamar de caminho do meio (além de Platão, trabalhamos com uma

<sup>21</sup> "[...] se agrada aos bárbaros viver sem pensar no dia de amanhã, os nossos intentos devem encarar a eternidade dos séculos" (CÍCERO. **De oratore**, II, 169) (Epígrafe utilizada na abertura).

<sup>22</sup> Como veremos adiante, ideias que tocaram João de Salisbury, um dos discípulos de Guilherme de Conches e igualmente receptor e transmissor das tradições pedagógicas chartrenses.

<sup>23</sup> "Ora bem, vejamos o que sucede quando o coração de uma pessoa é hirsuto - coisa que o poeta elogiou, na sua enorme sabedoria -, ou quando a cera está suja e é impura, ou quando é extremamente líquida ou dura: aqueles cuja cera é líquida têm facilidade para aprender, mas tornam-se esquecidos, enquanto, com aqueles cuja cera é dura, ocorre o contrário. Os que têm a sua cera hirsuta e áspera, como se fosse pedra, repleta de terra, ou de sujidade mesclada com ela, têm impressões sem clareza. Os que a têm dura também têm as impressões sem clareza, pois têm-nas sem densidade. E os que a têm líquida, por sua vez, também carecem de clareza, pois, por ação da fusão, rapidamente se tornam confusas. E se, além de tudo isto, as impressões caíram umas em cima das outras, devido à falta de espaço, e, se a alminha de uma pessoa é pequena, são ainda mais carentes de clareza que aquelas. Por conseguinte, todos estes são os que chegam a opinar falsidades, pois, quando veem, ouvem ou pensam algo não são capazes de distribuir com rapidez a impressão a cada coisa e são lentos. E, ao distribuírem o que corresponde a outra, não só veem mal, como ainda por cima ouvem e pensam mal, na maior parte das vezes. Estes são os que não só se encontram na falsidade, a respeito da realidade, como são chamados 'ignorantes'" (PLATÃO, **Teeteto**, 194e- 195a, p. 288)

provável referência aos ensinamentos da lavra aristotélica incutida no *Dragmaticon*<sup>24</sup>), Guilherme enxergava o fim da entrega ao conhecimento apenas com a morte. Isso nos faz entender que ele definia a busca por conhecimento não como uma mera etapa da vida, uma formalidade com data e hora marcadas para terminar, mas como algo inerente a ela.

Das fundações às estruturas visíveis de nosso livro-catedral. Pela leitura comparada entre o *Dragmaticon* e o *Metalogicon* de João de Salisbury, fica patente que os ensinamentos deixados por Guilherme de Conches ganharam chão, criaram raízes, frutificaram. Assim como Guilherme, João também confiava que apenas os esforços intelectuais permanentes elevariam os seres humanos.<sup>25</sup> Ao ir adiante com os ensinamentos que seu antigo mestre lhe deu, João de Salisbury tornou-se um defensor arguto das artes formadoras do *Trivium* (Gramática, Retórica e Dialética) e não tolerava estudantes preguiçosos e vaidosos ávidos por atalhos fáceis nos caminhos do saber. Para ele, no fomento à escrita e à leitura oferecido pelo *Trivium* estava a chave da civilização.

Dessa primeira abordagem interpretativa, seguimos na direção de algo que consideramos fundamental para compreender as argumentações do mestre de Conches: a maneira como ele concebia o tempo. Vejamos. No extrato do *Dragmaticon* ora trabalhado, estamos diante do que podemos definir como uma rede de tradições intelectuais verticais e horizontais que se conectam – as bases múltiplas e profundas sobre as quais este livro-catedral foi erguido. Como não

---

<sup>24</sup> Ainda que na tradução do *Dragmaticon* para o inglês moderno feita por Italo Ronca e Matthew Curr não seja mencionada a influência de Aristóteles (384-322 a.C) sobre Guilherme de Conches, a conjectura nos parece minimamente plausível, uma vez que o século XII marcou o início pelo interesse em relação aos escritos do referido filósofo na cultura letrada de então: "A excelência é acerca das afecções e ações, e nestes fenômenos o excesso erra e o defeito é censurado, o meio, contudo, é louvado e acerta. O que é louvável e o que acerta integram a excelência. A excelência é uma certa qualidade do que é do meio, uma vez que tem a aptidão de o atingir. Demais, o errar é de muitos modos (o mal faz parte do que é ilimitável, tal como o imaginam os pitagóricos, e o bem do que é limitado); acertar é de uma única maneira (por isso uma possibilidade é fácil e a outra, difícil: é fácil não atingir o alvo, difícil é atingi-lo). É por essa razão que o excesso e o defeito são elementos da perversão e a qualidade do meio é o elemento integrante da excelência: *A nobreza é de uma única maneira, a perversão de toda / a maneira e feitiço*" (ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**, Livro II, VI, p. 48-49).

<sup>25</sup> "Está dito que o talento natural é 'imane'nte' uma vez que não precisa de nada como pré-requisito, mas precede e ajuda todos as subsequentes [habilidades]. Na aquisição de nosso conhecimento [científico], investigação é o primeiro passo e vem antes da compreensão, análise e retenção. A habilidade inata, embora venha da natureza, é fomentada pelo estudo e exercício. O que é difícil quando tentamos primeiro, torna-se mais fácil depois de prática assídua [...]" (JOÃO DE SALISBURY, **Metalogicon**, Livro I, cap. 11, p. 34).

poderia deixar de ser, a patrística cristã e a filosofia grega foram partes proeminentes daquelas. Isidoro de Sevilha (560-636), por exemplo, indicou em suas *Etimologias* que o esforço individual era fundamental para o desenvolvimento da natureza humana.<sup>26</sup> No que se refere à filosofia grega, Platão, citado por Guilherme no *Dragmaticon*, à luz dos ensinamentos socráticos, demonstrou que humanos plenos de saúde física e mental se perderiam sem o cultivo incessante do prazer pelo conhecimento.<sup>27</sup> Por sua vez, Hugo de São Vítor, contemporâneo de Guilherme, confiava que uma vida dedicada ao conhecimento tornava as conseqüências da velhice menos pesadas.<sup>28</sup> Neste caso, o tempo longo era o verdadeiro amigo da perfeição. Perfeição vedada aos discentes que apressadamente supunham desfrutar da condição de doutos. A estes, Guilherme direcionou as mais pesadas críticas:

Outros clamam ter inteiramente entendido não apenas assuntos triviais, mas também os mais difíceis, sem terem ouvido a explanação de um professor. Eles também clamam que nada é tão novo ou tão difícil que, ao serem a eles demonstrados, não possam compreender de uma única vez e ensinar sem qualquer dificuldade para os outros (GUILHERME DE CONCHES, **Dragmaticon**, Livro VI, 1, p. 119)

Para nós, rapidez presunçosa é a expressão que melhor sintetiza as críticas que Guilherme de Conches proferiu contra discentes imprudentes.<sup>29</sup> Somadas às de João

---

<sup>26</sup> "A perícia oratória está enraizada em três coisas: na natureza, na doutrina e na prática. A natureza está baseada nas coisas inatas; a doutrina consiste na ciência; e a prática se assenta no exercício constante. Não somente no orador, mas em qualquer outro homem dedicado a uma profissão, esperamos encontrar estas três coisas se quer chegar à perfeição" (ISIDORO DE SEVILHA, **Etimologias**, Livro II, 3.2).

<sup>27</sup> "Depois de se afastarem [os discípulos], fizeram abortar as coisas que ainda restavam, por causa das más companhias e, alimentando-se mal, destruíram as que eu tinha feito nascer, preferindo a mentira e as fantasias à verdade, acabando por parecer ignorantes, tanto a si próprios, como aos outros" e "No ser, há dois paradigmas, meu amigo. Por um lado, o divino, sumamente abençoado, por outro, o não divino, miserável ao extremo" (PLATÃO, **Teeteto**, 150e e 176e, p. 203 e 252). Estas passagens de um diálogo entre Sócrates (c.469-c.399 a.C) e Platão evidenciam o quão a tradição filosófica grega considerava superior e belo o ser que escolheu entregar-se ao conhecimento. Conhecimento a ser obtido com tempo e muito esforço, o que permitiu a Sócrates afirmar que seu trabalho como mestre era semelhante ao de uma parteira, afinal, retirar das entranhas do ser o que possuía de melhor não era uma tarefa fácil: assim como o parto natural, provocava dor e cansaço. Todavia, ao fim de tamanha labuta, algo especial aconteceria.

<sup>28</sup> "A velhice daqueles que construíram a sua adolescência em atos honestos com a idade se torna mais douta, com a prática mais calejada, com o andar do tempo mais sábia, e recolhe os frutos dulcíssimos dos estudos anteriores" (HUGO DE SÃO VÍTOR, **Didascálicon**, Livro III, cap. 14, p. 163).

<sup>29</sup> Os castigos físicos e as críticas abertas aos estudantes preguiçosos formaram *topoi* recorrentes na retórica dos mestres do século XII. Essas críticas também podem ser encontradas em iluminuras e na arquitetura que serviam de advertência aos que desejavam trilhar o caminho de uma vida letrada (CLEAVER, 2016, p. 71, 78-80 e 83).

de Salisbury e também às do mestre Gilberto de La Porrée (1076-1154) encontradas no *Metalogicon*,<sup>30</sup> é factível confiar que tais críticas à rapidez sem medida presentes nas páginas do *Dragmaticon* eram parte importante da pedagogia proposta pelos mestres de Chartres ainda na primeira metade do século XII. Rapidez que não mais nos surpreende tantos séculos depois. De fato, expressões como *just in time* e *fast food* povoam o nosso imaginário e os cenários que compõem o nosso dia a dia, dentro e fora da universidade.<sup>31</sup> Nas ruas, nos supermercados, em casa, nos programas de televisão, as iguarias preparadas de forma rápida e prática são uma realidade. Verdadeiras linhas de montagem cujos movimentos mecanizados chegam a cansar os olhos daqueles que apenas desejam algo para saciar a fome. A falta de tempo imposta por rotinas de trabalho cada vez mais estafantes transformou em hábito o que muitas de nossas mães e avós estranhariam. Sinal dos tempos? Talvez... O fato é que tal hábito também desperta críticas por parte daqueles que acreditam que uma alimentação feita com calma e de forma descontraída é um dos esteios de uma vida minimamente saudável.

Há alguns anos na Itália, sob a liderança do jornalista Carlo Petrini (1949- ), surgiu um movimento chamado *Slow food*.<sup>32</sup> Preocupados com a saúde e os hábitos das pessoas, sobretudo das crianças em fase de crescimento, os adeptos desse movimento defendem não apenas a ingestão de alimentos saudáveis, mas também a adoção de atividades igualmente saudáveis, como exercícios físicos diários e passar

---

<sup>30</sup> As críticas de Gilberto de La Porrée (1076-1154) foram reproduzidas no *Metalogicon*. O humor ácido de Gilberto ainda é perceptível aos olhos dos leitores atuais: "Mestre Gilberto, que então era chanceler em Chartres, e em seguida tornou-se o venerável bispo de Poitiers, costumava ridicularizar ou deplorar, não tenho certeza disso, a insanidade de seu tempo. Quando observava os indivíduos supracitados correndo para os estudos anteriormente mencionados, costumava predizer que deveriam terminar como padeiros - a única ocupação que, de acordo com ele costumava receber todas entre aquelas pessoas que estavam desempregadas e careciam de alguma habilidade particular. Pois padeiro é um ofício fácil, subsidiário de outros e especialmente adequado aos que estão mais interessados em pão que em algo feito habilmente" (JOÃO DE SALISBURY, **Metalogicon**, Livro I, cap. 5, p. 21).

<sup>31</sup> Ao promulgar a nova Base Nacional Curricular Comum (BNCC), o governo federal definiu que todas as crianças brasileiras deverão estar plenamente alfabetizadas até o segundo ano da Educação Básica, algo que se dá em torno dos 6 anos de idade. De acordo com boa parte dos especialistas em alfabetização, trata-se de uma queima precipitada de etapas. Neste caso, os números tornar-se-ão (se já não o são) mais importantes que as pessoas.

<sup>32</sup> Endereço eletrônico <[www.slowfood.com](http://www.slowfood.com)>.

mais tempo com a família e os amigos.<sup>33</sup> Em entrevista à historiadora brasileira Maria Lúcia Pallares-Burke (1946- ), o historiador Carlo Ginzburg (1939- ), nome consagrado da micro-história italiana, brincou com essa expressão ao dizer-se defensor da *slow reading*.<sup>34</sup> A leitura vagarosa mencionada por Ginzburg nada tem a ver com a velocidade da leitura em si, mas com uma leitura capaz de proporcionar ao leitor momentos de profunda introspecção e compreensão a cada página percorrida. Em outras palavras, leitura calma e de qualidade no lugar da quantidade desmedida e rasa. Leitura a ser feita com paciência, com cada linha devidamente saboreada. Em tempos nos quais somos assombrados pelo fantasma ameaçador do curto prazo que tanto afeta nossa vida pessoal e a própria historiografia, isso não é pouca coisa (ARMITAGE & GULDI, 2016, p. 13).

A comparação com os alimentos que aqui propomos não é um mero exercício retórico ou uma trivialidade imposta pelas necessidades do estilo. Muito pelo contrário.<sup>35</sup> Na verdade, no medievo, a atenção dada a uma alimentação moderada e suas analogias com a busca de conhecimento estavam presentes nos escritos de diferentes personagens. Bernardo de Claraval (1090-1153), por exemplo, compreendia que um saber pouco trabalhado era como um alimento preparado e ingerido indevidamente.<sup>36</sup> Ambos faziam mal: um ao estômago, o outro à memória.

---

<sup>33</sup> Chef celebridade inglês muito conhecido no Brasil, Jimmy Oliver (1975- ) é um dos defensores de uma alimentação saudável feita sem pressa e na companhia de outras pessoas, de preferência, amigos e familiares. Também preocupado com a educação alimentar das crianças, Oliver lançou recentemente um divertido *clip* musical com a participação de diversos artistas ingleses, entre eles, o ex-beatle Paul McCartney (1942- ). No refrão, o uso da palavra "revolução" dá o tom da campanha que possui milhões de visualizações no *Youtube* (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lpqM0WPjgt4>).

<sup>34</sup> "Recentemente comecei um seminário na UCLA dizendo aos meus alunos: 'Na Itália há um novo movimento chamado *Slow Food*, em oposição ao *Fast Food*. Meu seminário será em *Slow Reading*. Na mesma época, descobri uma citação de R. Jakobson - que depois soube ser de Nietzsche - que diz: 'A filologia é a arte da leitura vagarosa'. Realmente gosto muitíssimo da ideia da leitura vagarosa" (GINZBURG em PALLARES-BURKE, 2000, p. 275).

<sup>35</sup> Para nossa grata surpresa, o filósofo norte-americano Allan Bloom (1930-1992) escreveu algo análogo em seu *A cultura inculta: ensaios sobre o declínio da cultura geral* (2001, p. 17): "O professor, em particular o professor dedicado à educação liberal, deve tentar constantemente considerar por um lado a meta da perfeição humana e por outro a natureza dos seus estudantes aqui e agora, procurando sempre compreender a primeira, e avaliar a capacidade dos últimos para atingir aquela. Atenção aos jovens: saber o que eles querem comer e o que podem digerir, é a essência da profissão".

<sup>36</sup> "Um alimento indigesto, mal cozinhado, produz maus humores e, em vez de nutrir o corpo, corrompe-o. Assim também pode dar-se o caso do estômago da alma, que é a memória, ingerir muitos conhecimentos que não foram cozinhados pelo fogo do amor e nem passaram para ser elaborados pelo aparelho digestivo da alma (no

Por sua vez, no *Metalogicon*, João de Salisbury novamente indicou que os ensinamentos que Guilherme deixou não foram esquecidos. Como sabemos, João também era um crítico mordaz dos discentes apressados e despreparados ["doutores recém-cozidos" (JOÃO DE SALISBURY, **Metalogicon**, Livro I, cap. 3, p. 15)]. Sem meias palavras, tratava-os com absoluto desdém. Ao ampliar horizontalmente nosso escopo investigativo, igualmente identificamos em Hugo de São Vítor preocupação de natureza semelhante. Para Hugo, não era algo benéfico aparentar ser douto antes do tempo.<sup>37</sup>

Se a boa lida com o tempo longo é um dos principais argumentos dispostos no *Dragmaticon*, Guilherme de Conches asseverava que o habituar-se aos exercícios intelectuais tornava o homem cada vez mais sábio. Sapiência que o permitia vencer os desgastes naturais impostos ao corpo pelo acúmulo dos anos. Para desenvolver suas considerações, Guilherme cunhou uma das mais belas e instigantes passagens de sua obra:

Se uma relha é jogada fora sem uso pelo fazendeiro, ela se desgastará pela ferrugem. Se ela é posta sobre o arado, torna-se útil e brilhante, embora esteja se desgastando. Uma vela, a menos que esteja acesa, é considerada sem uso. Acesa, ela serve a outros ao se consumir. [...]. Se você se torna escravo da inatividade e da ociosidade, será destruído pela ferrugem da lascívia indulgente. Mas se você se devota a algum valioso estudo, será útil para outras pessoas e sua fama brilhará, mas seu corpo será consumido [...] (GUILHERME DE CONCHES, **Dragmaticon**, Livro IV, 1, p. 57).

Como um bem, o tempo emerge da narrativa de cunho exortativo de Guilherme de Conches. O tempo que corrói e estraga o ser estagnado é o mesmo que dá passagem à sua maturidade. Neste caso, a escolha está nas mãos de quem

---

caso, os atos e os costumes) a fim de que a alma se torne boa pelo bom conhecimento (o que pode ser atestado pela vida e pelos costumes)" (BERNARDO DE CLARAVAL, **Sermão sobre o conhecimento**, IV, p. 267).

<sup>37</sup> "O bom estudioso deve ser humilde e manso, afastado totalmente das preocupações vãs e dos ilícitos das volúpias, diligente e constante, para que aprenda com prazer de todos, nunca presuma de sua ciência, fuja dos autores de doutrinas perversas como do veneno, aprenda a refletir longamente sobre alguma coisa antes de julgá-la, não queira aparecer douto, mas sê-lo, ame os ensinamentos aprendidos dos sábios e procure tê-los sempre diante dos olhos como espelho do seu próprio rosto" (HUGO DE SÃO VÍTOR, **Didascálicon**, Livro III, cap. 13, p. 159).

ainda tem o tempo a seu favor: os jovens. O que fazer? Perdê-lo com futilidades ou acumulá-lo com sabedoria? As palavras de Guilherme nas páginas finais do *Dragmaticon* indicam a importância que ele dava aos ganhos de uma idade avançada: foi-se o corpo jovial, permaneceu a razão fundamental. Tal referência outra vez nos remonta à Sêneca, autor do apreço de Guilherme e que confiava que apenas os homens geniais não teriam sua memória apagada nos anos pós-morte.<sup>38</sup> Se as brumas do esquecimento e um corpo decrépito seriam o destino comum de todos, contudo, o brilho penetrante do saber, semelhante a uma relha com anos seguidos de uso ou uma vela a se consumir ao vencer a escuridão da noite, era privilégio dos poucos que souberam de fato abraçar a sabedoria. Certamente, sabedoria que lhes conduziria à eternidade no mundo das ideias.<sup>39</sup>

Como um alimento colhido e preparado com esmero, o bom conhecimento seria capaz de nutrir a alma daquele que o tomou tornando-o intelectualmente forte. O mesmo pode ser dito em relação aos bons hábitos cotidianos, pois, como uma arte na acepção aristotélica, fazer é aprender.<sup>40</sup> Ainda que o corpo perca o viço dos primeiros anos de vida, os hábitos de leitura e atividades intelectuais seriam capazes de manter intactos a capacidade de raciocinar e conservar por mais tempo uma existência independente. O brilho sobre o qual Guilherme de Conches escreveu com tamanha habilidade pode ser exemplificado pela memória prodigiosa daqueles que passaram décadas inteiras a cultivar a sapiência. Memória que lhes permitia a capacidade de tomar decisões corretas com base no conhecimento ético e letrado um dia aprendidos. Para os mestres do mundo antigo como Marco Túlio Cícero (106-

---

<sup>38</sup> "Um dia passará sobre nós toda a profundidade do tempo; apenas uns quantos gênios se elevarão de entre a massa e, antes de algum dia mergulharem também no mesmo silêncio, resistirão ao esquecimento e manterão vivo o seu nome!" (LÚCIO ANEU SÊNECA, **Cartas a Lucílio**, Livro II, 21, p. 75).

<sup>39</sup> É interessante notar que, neste ponto, Guilherme de Conches antecipou-se em cerca de 800 anos ao filósofo Michel Henry (1922-2002) para quem a barbárie é uma energia não utilizada: "A energia, desse modo, está em nós assim como está em si, esse Sofrer primitivo, que é nossa relação patética com o ser, assim como ela é a relação do ser consigo mesmo. Utilizar nossa Energia, essa Energia que recebemos como o que nos carrega no crescimento de nosso ser, é necessariamente atravessar esse sofrer, essa travessia é o nosso esforço, o qual, assentes em nossa obra do ser, nós realizamos" (HENRY, 2012, p. 156).

<sup>40</sup> Uma vez mais, tomamos Aristóteles como referência: "Na verdade, fazer é aprender. Por exemplo, os construtores de casas fazem-se construtores de casa construindo-as e os tocadores de cítara tornam-se tocadores de cítara, tocando-a. Do mesmo modo também nos tornamos justos praticando ações justas, temperados, agindo com temperança, e, finalmente, tornamo-nos corajosos realizando atos de coragem" (ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**, Livro II, I, 30, p. 41).

43 a.C),<sup>41</sup> assim como para os mestres do medievo com os quais aqui trabalhamos, a memória era o pilar da razão, esteio maior da criatividade humana (LANZIERI JÚNIOR, 2014, p. 15-38). E a boa memória de um discípulo não era medida apenas pela quantidade de informações que ele conseguia absorver, mas pela firmeza e clareza dos argumentos apresentados. Ou seja, quando desafiado, o discípulo debatia com a devida propriedade ao se valer de todos os recursos intelectuais guardados nos arquivos da própria memória.<sup>42</sup> Por fim, imiscuído nas técnicas necessárias à memorização dos ensinamentos, estava o caráter social dessa virtude, pois os saberes não eram dádivas ofertadas a alguns poucos por uma mente privilegiada, mas elementos organicamente compartilhados e aperfeiçoados por diferentes pessoas de diferentes gerações (CARRUTHERS, 2011, p. 34 e 51).

Ao tomar o rumo de uma via analítica complementar, percebemos que mais que uma simples concepção pedagógica, a maneira pela qual Guilherme de Conches escreveu sobre o tempo revela um possível desejo de interferir no futuro, de criar uma nova realidade calcada em suas propostas. Neste entrelaçamento de temporalidades no qual o presente era quase sempre sinônimo de fugacidade, Guilherme enxergava o futuro como algo a ser melhorado tendo o passado clássico e a patrística como referências profundas. Neste sentido, suas menções a Platão e também a Sêneca não foram resultado de um acaso memorialista ou de um elaborado exercício retórico com vistas tão somente ao convencimento, mas um indicativo de que a educação pensada no medievo era feita de homens, homens vivos e homens mortos, homens que ensinavam e homens que aprendiam. Premissas que se mantiveram por séculos, mesmo com a consolidação do ensino universitário (HASKINS, 2015, p. 18).

---

<sup>41</sup> Utilizamos aqui *Retórica a Herênio*, uma obra que durante séculos foi atribuída a Cícero: "A sabedoria é a capacidade de eleger entre o bem e o mal mediante reflexão. Também se considera sabedoria o conhecimento de alguma arte. É igualmente sabedoria uma memória rica em recordações e de experiências em diversas atividades" (**Retórica a Herênio**, Livro III, p. 175-176).

<sup>42</sup> Os debates (*disputatio*) estavam entre as técnicas pedagógicas mais disseminadas no medievo. Observá-los era importante para os estudantes. Com o tempo, estes eram incentivados a tomar parte deles como uma maneira de desenvolver as próprias habilidades retóricas. Presente na iconografia medieval, o movimento das mãos testemunha o quanto debater era comum na relação entre mestres e discípulos (CLEAVER, 2016, p. 88 e 100).

Com efeito, ao prospectar mais algumas das camadas que compõem o *Dragmaticon*, deparamo-nos com entrelaçamentos temporais espalhados em suas linhas e entrelinhas. Neles, as experiências oriundas do contato com o saber clássico da Antiguidade greco-romana e as expectativas de consolidação de um comportamento ético cristão se conectam sob a pena do autor (ou para quem Guilherme de Conches ditou seu livro). Portanto, mais que informações relativas à vida de Guilherme e a época na qual ele viveu, o *Dragmaticon* indica uma intenção de realidade própria. E esta estava cortada por múltiplas ramificações que nos dizem muito acerca da cultura intelectual compartilhada pelos homens que cresceram e aprenderam sob a batuta dos mestres da Catedral de Chartres.<sup>43</sup>

Por outro lado, o simples fato da sobrevivência do *Dragmaticon* sugere que a escrita foi para Guilherme de Conches e os copistas que o preservaram um espaço de recordação (ou mesmo consolação se pensarmos em termos boecianos) (ASSMAN, 2011, p. 127). Desta maneira, ao serem marcados com tinta nos pergaminhos, os pensamentos de Guilherme ganharam forma, foram ordenados e guardados, o que lhes deu a chance de serem acessados por um número maior de pessoas. Portanto, como o pináculo de uma catedral a singrar a paisagem para se tornar uma referência, os ensinamentos de Guilherme de Conches e das tradições nas quais ele mergulhou poderiam ser vistos e sorvidos pelas gerações subsequentes de novos mestres e discípulos.

\*

A pós-modernidade líquida e multifacetada viu brotar de suas entranhas um apelo irresistível ao presente. Na crescente cultura do descartável e do artificial, quase sempre vale o que é novo ou que conforta as pessoas diante de seus anseios mais imediatos. Foram reduzidos os espaços para as reflexões lentas e profundas. A

---

<sup>43</sup> De acordo com Mary Carruthers (2011, p. 24), a educação medieval é melhor compreendida a partir de sua comparação com as técnicas do carpinteiro e do pedreiro. Em tal modelo explicativo, o tempo e sua valorização tornam-se fundamentais. Assim, na ortopraxis medieval, aprender era sinônimo da experiência do fazer junto, do fazer sempre, algo que demandava tempo e observação constante do aprendiz que, de maneira artesanal, desenvolvia e polia seus conhecimentos.

memória foi posta fora do homem. E o que é pior: qualquer opinião elementar é elevada à condição de saber pronto, acabado e confirmado pelo número dos que pensam exatamente igual. Tal contaminação, dificulta sobremaneira uma percepção minimamente adequada do pensamento de Guilherme de Conches e daqueles que ao seu lado formaram o que a historiografia denominou como escola da Catedral Chartres, uma das mais importantes expressões da cultura intelectual medieval. Qualquer investigação pelas diferentes camadas que compõem o *Dragmaticon* deve levar em consideração os saberes dispostos e misturados em suas páginas. Elementos de diferentes origens temporais e naturezas conceituais que, assim como as imponentes catedrais góticas, devem ser analisados em constante diálogo entre o todo e as partes, pois diferentes mãos estiveram presentes em seu processo de construção. Nada disso seria possível em pouco tempo. Portanto, a profundidade temporal observada no *Dragmaticon* diz muito sobre o intento de seu autor em romper os limites diminutos do tempo presente, assim como foram os livros e as catedrais.

## Conclusão

Explorar a cultura intelectual medieval para além dos ambientes letrados institucionais é algo que há tempos nos seduz. Sem dúvida, esta é uma seara de pesquisa que merece ser explorada cada vez mais. Todavia, de Jacques Le Goff (1924-2014) (1995) a Jacques Verger (1943- ) (1990), passando por Pierre Michaud-Quantin (†1972) (1970) e Stephen C. Ferruolo (1949- ) (1985), as universidades e a cultura letrada urbana que ganharam corpo a partir do século XII sempre estiveram no radar dos historiadores. Histórias de conflitos, rupturas e desejo de liberdade a se desenrolar em cenários tomados por homens ávidos por mudança.<sup>44</sup> Ao criar raízes, essa tradição historiográfica preocupou-se com a elaboração de etapas sucessivas a

---

<sup>44</sup> De acordo com Ian P. Wei (2012, p. 295), devemos questionar a historiografia que enxerga no surgimento das escolas urbanas e, posteriormente, das primeiras universidades como consequência da independência e do dinamismo fomentados pelo crescimento das cidades. Para Wei, crítico de algumas das análises de Jacques Le Goff e Stephen Ferruolo, essa é uma visão simplista que não deixa espaço para os conflitos que colocaram de um lado mestres e estudantes e do outro os poderes citadinos então vigentes. Por esses e outros motivos, as universidades e os mestres receberam proteção oriundas dos reis, bispos e do próprio papa.

desaguar em um futuro radiante que abriria ao medievo as portas da modernidade. Por hora, creio que a simplicidade sofisticada da pedagogia medieval anterior às universidades nos oferece vias diferentes para a compreensão dessas histórias de fato marcadas por divergências, mas também por acúmulos, trocas e permanências. Como afirmamos, trocas que foram permitidas por uma educação então feita de gente. Gente conhecida na convivência, nas leituras e nas histórias oralmente compartilhadas e guardadas na memória. Na verdade, o que propomos é uma compreensão histórica de feições mais orgânicas, menos fragmentadas. Portanto, o surgimento de um livro como o *Dragmaticon* seria apenas um momento deste amplo e enredado processo.

A abordagem etapista com princípio, meio e fim muito bem delimitados cronologicamente e consagrada pela historiografia citada no parágrafo anterior perde força quando comparamos homens e ideias e os inserimos em uma noção de trajetória mais aberta. Guilherme de Conches, por exemplo, passou por vários lugares, viveu com pessoas de diferentes formações e escolhas pessoais. Todas essas experiências as quais foi exposto lhe serviram de inspiração, edificaram seu horizonte de expectativas. Como mestre, desejou passá-las adiante. Tudo isso nos dá uma certeza: assim como diversos personagens do medievo, letrados ou não, Guilherme de Conches não foi um homem de saber, mas um homem de muitos saberes capaz de dialogar e absorver conhecimentos oriundos de diferentes pessoas, tempos e ambientes. Saberes que ganharam forma nas páginas dos livros, mas que um dia existiram nos debates, nas leituras, nas pregações e nas conversas cotidianas dos mestres com seus discípulos e de todos que, direta ou indiretamente, ouviram e/ou leram seus ensinamentos.

Por fim, os escritos de Guilherme de Conches sobre a profundidade do tempo e de tudo aquilo que nela estava inserido podem ser tomados como uma referência para a compreensão da importância da leitura e do conhecimento histórico para a sociedade coeva. Tantas e tantas vezes apegada aos imediatismos do presente, ela costuma ignorar a diversidade de saberes proporcionada pelo passado, entre eles, o

medieval. Saberes que demonstram a complexidade das trajetórias humanas, saberes que confrontam generalizações rasteiras e ideológicas em prol de um futuro menos intolerante e mais democrático. Vencer a rapidez asfixiante do curto prazo é retomar a noção de que a História ainda é e sempre será importante, pois pode ensinar e preparar para o futuro. Longe da barbárie interior.

## Referências

### Fontes Primárias

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Atlas, 2009.

BERNARDO DE CLARAVAL. Sermão sobre o conhecimento e a ignorância. In: LAUAND, Luiz Jean (org.). **Cultura e educação na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 251-271.

CICERÓN. **Sobre el orador**. Madrid: Gredos, 2002.

HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascalicon**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LÚCIO ANEU SÉNECA. **Cartas a Lucílio**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

PLATÃO. **Teeteto**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

**Retórica a Herenio**. Madrid: Gredos, 1997.

WILLIAN OF CONCHES. **A dialogue on natural philosophy (Dragmaticon philosophiae)**. Notre Dame: University of Notre Dame, 1997.

### Fontes Secundárias

ARMITAGE, David & GULDI, Jo. **Manifiesto por la Historia**. Madrid: Alianza, 2016.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicampi, 2011.

BLOOM, Allan. **A cultura inculta**: ensaios sobre o declínio da cultura geral. Mem Martins: Europa-América, 2001.

CARRUTHERS, Mary. **A técnica do pensamento**: meditação, retórica e a construção de imagens (400-1200). Campinas: Unicamp, 2011.

CLEAVER, Laura. **Education in twelfth-century art and architecture**: images of learning in Europe, c. 1100-1220. Woodbridge: Boydell, 2016.

FERRUOLO, Stephen C. **The origins of university**: the schools of Paris and their critics, 1100-1215. Stanford: Stanford University Press, 1985.

HASKINS, Charles Homer. **A ascensão das universidades**. Balneário Camboriú: Livraria Danúbio, 2015.

HENRY, Michel. **A barbárie**. São Paulo: É Realizações, 2012.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. "No tesouro seguro de nossa memória": a memória na concepção de três personagens do século XII. In: ALMEIDA, Rodrigo Davi & LANZIERI JÚNIOR, Carlile (organizadores). **Intelectuais: conceito e história**. Curitiba: CRV, 2014, p. 19-38.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LEWIS, C. S. **A imagem descartada: para compreender a visão medieval do mundo**. São Paulo: É realizações, 2015.

MATTÉI, Jean-François. **A barbárie interior: ensaio sobre o *i-mundo* moderno**. São Paulo: Unesp, 2002.

MICHAUD-QUANTIN, Pierre. **Universitas: expressions du mouvement communautaire dans le moyen-âge latin**. Paris: J. Vrin, 1970.

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **As muitas faces da História: nove entrevistas**. São Paulo: Unesp, 2000.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. São Paulo: Zahar, 2011.

SILVA, Rénan. **Lugar de dúvidas: sobre a prática da análise histórica - breviário de inseguranças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

UTZ, Richard. Academic medievalism and nationalism. In: D'ARCENS, Louise (ed.). **The Cambridge companion to medievalism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 119-134.

VERGER, Jacques. **As universidades na Idade Média**. São Paulo: Unesp, 1990.

WEI, Ian P. **Intellectual culture in medieval Paris: theologians and the university, c. 1100-1330**. Cambridge: Cambridge University, 2012.

Recebido em: 04/08/2017

Aprovado em: 27/10/2017